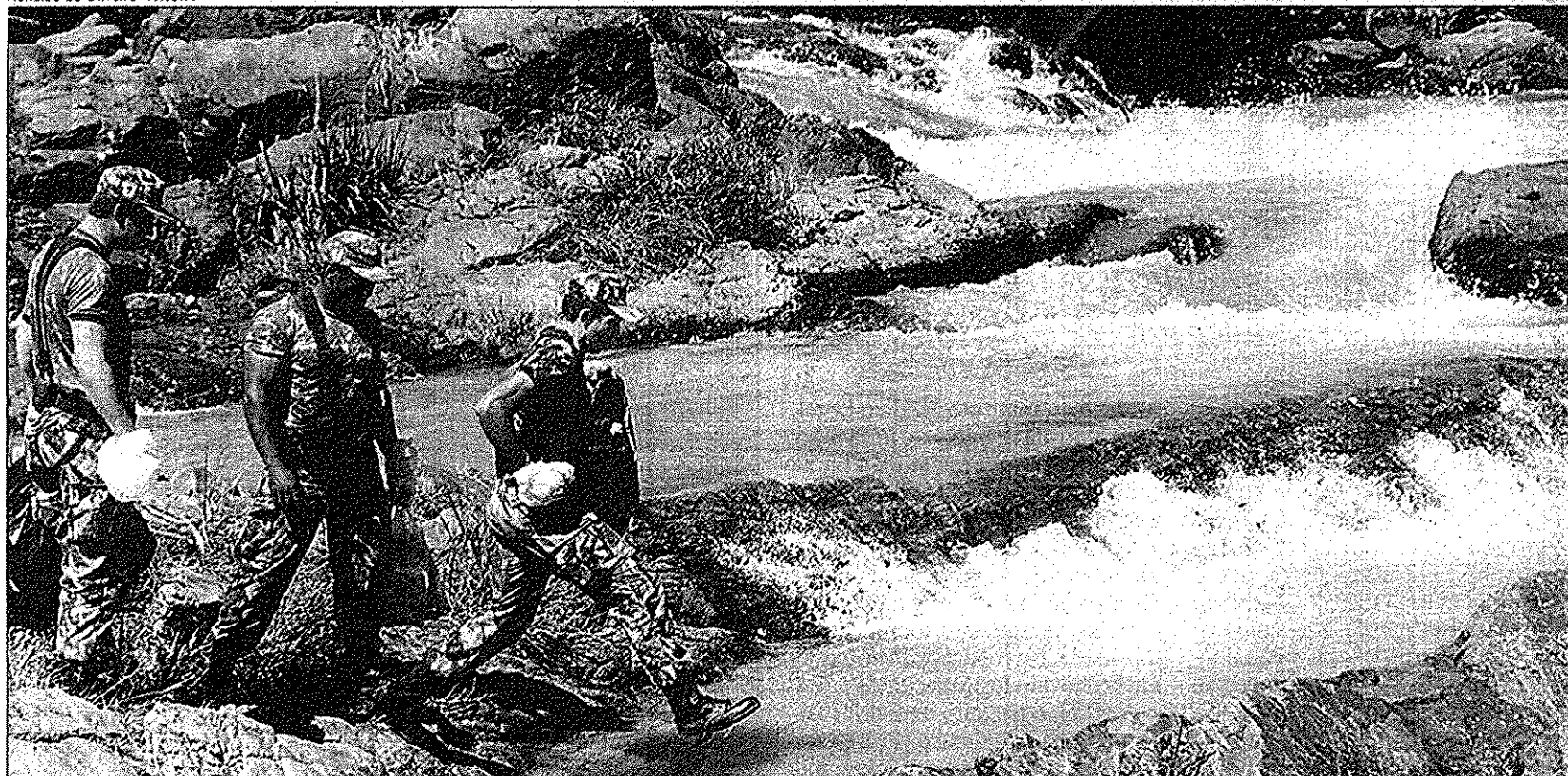


CB  
11/6/97 12  
31

Ronaldo de Oliveira 10.05.97



As agressões a mananciais de água como rios e lagoas acontecem em todo o interior do Brasil, gerando prejuízos incalculáveis para o meio ambiente

## ARTIGO

# UMA HIDROVIA DESNECESSÁRIA

Maurício Galinkin

A disponibilidade de água no planeta é restrita e as alternativas à sua utilização já provocam disputas entre seus possíveis consumidores, inclusive entre países.

Por essa razão, torna-se urgente que a sociedade civil brasileira coloque essa questão entre suas prioridades, pois decisões que hoje forem tomadas certamente poderão afetar de maneira grave as próximas gerações. É preciso ampliar os horizontes de percepção desse problema, para que se possa tomar decisões considerando os interesses de nossa população atual e futura.

A maior área úmida do mundo encontra-se em nosso território, o chamado Pantanal Brasileiro. Essa região tornou-se alvo de possíveis intervenções humanas, na última década, não apenas por sua beleza e riqueza em fauna e flora, mas também por sua capacidade de acumulação de água doce.

Ao final da década passada surgiu o projeto da Hidrovia Paraguai-Paraná, que tem sua Secretaria Executiva funcionando em Buenos Aires e, talvez por essa razão, foi muito pouco divulgado no Brasil até muito recentemente. O artigo do Correio Brasileiro, de 16 de fevereiro, marca o início da

divulgação do projeto e seus efeitos ambientais na grande imprensa brasileira.

E o que se pretende, aparentemente, com esse projeto? A retórica é a de criar uma hidrovia industrial, para transportar — do Brasil — basicamente soja para a Europa e minério de ferro para a Argentina.

Diversos estudos já mostraram a inexistência de demanda por serviço de transporte nessa hidrovia, na escala pretendida, e que a situação atual dos rios Paraguai e Paraná atende com folga às projeções de demanda futura. Além disso, sua inviabilidade econômico-financeira e seus graves impactos ambientais e sociais já são conhecidos. É incrível, assim, como o projeto siga adiante.

O desenvolvimento recente da Economia Ambiental trouxe consigo interessantes ferramentas de avaliação de impactos ecológicos, além da preocupação efetiva com o bem-estar e mesmo com a simples possibilidade das futuras gerações terem condições de viver. Ao mostrar o que pode representar, em termos monetários, os serviços prestados pela natureza à humanidade, esse desenvolvimento permite a cada um aquilatar, ainda que de

forma muito aproximada, quanto vai custar substituir ou refazer o funcionamento dos processos ambientais, quando isso é possível.

Para ilustrar o caso do referido projeto, vários exemplos já foram citados, como os desastres provocados pela intervenção humana nos rios Mississippi (EUA), Reno (Europa), e nos Everglades, na Flórida (EUA). Nesse último caso, a sociedade americana decidiu desfazer o que havia feito e vai gastar mais de US\$ 5 bilhões para consertar os estragos de obras que custaram pouco mais de uma centena de milhão de dólares.

Se for implantado o projeto dessa hidrovia industrial, o rio Paraguai passará a ter uma velocidade 35% maior, o que significará drenar anualmente mais 15 bilhões de metros cúbicos de água. Essa água seria suficiente para abastecer toda a população brasileira durante o ano inteiro com 300 litros de água per capita diários.

No Brasil de hoje essa distribuição torna-se obviamente difícil, mas quanto valerá essa água para os nossos filhos e netos, daqui a 50 ou 100 anos? Quanto vale um volume de água que é suficiente para abastecer toda a população de um país como o nosso?

■ Diretor Técnico da Fundação CEBRAC